Apresentação

“Anoitece! Fora, alguns homens estão sentados à espera do novo dia. Um velho sábio encontra-se circundado pelos seus discípulos. Então, o sábio levanta a seguinte interrogação: - Quando é que nós conseguimos reconhecer o momento em que a noite se completa e o novo dia desponta? Um discípulo toma a palavra e diz: - Quando as estrelas desaparecem no céu e a terra passa a ser acariciada pelos raios do sol. - Não, responde o mestre. - Então, quando conseguimos distinguir à distância, sem qualquer dificuldade, um cão de um carneiro. - Não, diz de novo o mestre. - Mas quando então? – perguntam em conjunto os discípulos. - Depois de um instante de silêncio, o velho sábio responde: - Tu reconhecerás o momento em que o dia desponta quando, contemplando o rosto de um homem qualquer, nele reconheceres o teu próprio irmão. Caso contrário, no teu coração será ainda noite”[[1]](#footnote-1).

Esta parábola do judaísmo hassídico é muito apropriada, enquanto recuperação do mais profundo veio espiritual da tradição que “nossos pais nos contaram”, para abrir esta apresentação do trabalho de pesquisa de Maruilson Menezes de Souza, intitulado “Pelos muitos caminhos de Deus”: possibilidades e limites da teologia pluralista trans-religiosa da libertação. O texto, que resulta de uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, trata de como o cristianismo vem assimilando a libertação religiosa à libertação sociocultural, como vem assumindo em suas opiniões teológicas o desafio do pluralismo religioso e do diálogo entre as religiões.

Não sem razões ganha relevo esse esclarecimento e terapeutização das relações entre uma tradição de fé e as outras, pois como nunca dantes em nossa história as crenças religiosas precisam ser contextualizadas e interpretadas, em uma humanidade que é cada vez mais global e se descobre sempre mais plural. Isso para as religiões não virem a se tornar, nessa era mundializada, armas políticas dos homens e dos seus clãs uns contra os outros, que aumentam as trevas desse mundo, ao invés de refletirem luzes que esclarecem e religam os humanos entre si e com o além.

A amostra mais eloquente desse desdobramento do engajamento cristão libertário em teologia do diálogo está expressa na iniciativa coordenada por José Maria Vigil: um conjunto de cinco livros, com o título geral “Pelos muitos caminhos de Deus”[[2]](#footnote-2), escritos com os seus colegas da Associação Ecumênica de Teólogos(as) do Terceiro Mundo. A coleção buscou responder à questão: Como deveria ser a teologia da qual o mundo precisa hoje para que as religiões decidam, pela primeira vez na história, unirem-se para trabalhar pela salvação da Humanidade e da Natureza? Os primeiros volumes foram: Pelos muitos caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à teologia da libertação (Goiás: Rede, 2003); Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã (São Paulo: Loyola, 2005); Teologia latino-americana pluralista da libertação (São Paulo: Paulinas, 2006) e Teologia pluralista libertadora intercontinental (São Paulo: Paulinas, 2008).

A quinta obra, “Hacia uma teologia planetaria” (Quito: Abya Yala, 2010) esboça uma teologia multirreligiosa e pluralista da libertação. "Caminhamos a passo rápido – escrevem os autores – rumo a uma teologia aberta e livre". Aonde esse caminho irá conduzir ainda não se sabe, mas é possível pensar que levará ao nascimento de uma teologia nova, uma teologia pós-religiões que vá além não de uma religião, mas das religiões enquanto tais, enquanto "configuração sócio histórica humana congruente com o período 'agrário' da humanidade, período que já está perto do fim, progressivamente substituído pela 'sociedade do conhecimento'".

Uma teologia "sem dogmas, sem leis, sem verdades nem doutrinas", "uma teologia laica, simplesmente humana", "libertada do serviço a uma 'religião' enquanto instituição hierarquicamente sagrada com o seu sistema de crenças e ritos e cânones", centrada na espiritualidade, comprometida com a "difícil tarefa de humanizar a humanidade e de reconduzi-la à sua casa, rumo à placenta natural planetária da qual ela erroneamente se separou no tempo da revolução agrário-urbana".

O que fez Maruilson em sua pesquisa, agora compartilhada com um público mais amplo neste livro, foi desenvolver a intuição central desse mutirão de teólogos, analisando e discutindo as possibilidades e limites dessa proposta e, sobretudo, apontando novos fundamentos lógicos para se continuar pensando sobre o pluralismo. Pois tal teologia exige a construção de um novo paradigma, uma lógica de complementariedade e não de exclusão, na forma de pensar sobre o divino.

Por isso mesmo, o texto começa lembrando os anseios por uma nova teologia, tanto da comunidade católica quanto da protestante, principalmente de quem vive nas fronteiras desse mundo pós-moderno e precisa encontrar palavras mais benditas para testemunhar a fé cristã em contextos culturalmente plurais. Depois ele apresenta a proposta da coleção “Pelos muitos caminhos de Deus”, destacando as suas convergências metodológicas e hermenêuticas, apontando as questões que ficaram em aberto dessa empreitada teológica. E, por fim, partindo de entrevistas esclarecedoras com os coordenadores da obra, apresenta algumas reflexões prospectivas e algumas balizas epistemológicas para o prosseguimento do projeto, que deve ser assumido por todo mundo que tenha boa vontade e, aliás, já está sendo ensaiado em lugares os mais inusitados:

“… Ao falar em teologia não estou pensando em confissões de fé nem em doutrinas mas no sagrado selvagem, no sentimento oceânico, em tudo que vem daquelas camadas profundas do nosso ser que Joseph Campbell chama de zona mitogenética primordial (…), pensando naquela prisca theologia que está no transfundo cultural de todos os povos e de todas as tradições, sejam europeias, orientais, indígenas, africanas. Por que então não pedir a bênção a Zeus e a todos os deuses e deusas do Olimpo, Afrodite nascendo das espumas do mar da Jônia, Atena de olhos verdes protegendo Telêmaco na Odisseia? Por que não pedir a bênção de Javé, Jesus, Shiva, Krishna, Mohamed, Iemanjá, Tupã, Xangô, Oxalá, meu pai? Essa teologia plural aprendeu que Deus muda como o fogo quando misturado com fragrâncias e é nomeado segundo o perfume de cada uma. Teologia como transteologia. Mesmo porque, como explica Krishna a Aryuna, qualquer que seja o nome pelo qual me chamares, sou eu quem responderá. Dizendo de uma vez, não estou pensando em nenhuma teologia encrática que, pretendendo ser o último significado, corre sempre o risco de se transformar em monstro”[[3]](#footnote-3).

Depreende-se do percurso realizado nessa pesquisa que os cristãos precisam repensar o que entendem por Revelação, por exemplo. Esse conceito central em sua teologia necessita ser resignificado como uma verdadeira pedagogia divina: é o Espírito Santo que nos permite interpretar os “sinais dos tempos” e, numa certa altura do esperançoso compromisso prático para com a defesa da vida no mundo, acreditarmos que aquele grito que despertou a nossa práxis amorosa é sagrado, ou seja, percebermos que dentro da nossa relação amorosa fala-nos processualmente uma Palavra – Revelação – diferente, que causa diferença na vida. De forma que a Palavra de Deus não está presente só nos “livros sagrados”, nem somente na literatura cristã.

Na linha de uma espiritualidade pós-metafísica que se faz necessária para o nosso tempo, Maruilson aponta também para uma experiência do divino que se conhece enquanto se realiza entre nós; uma crença no Messias, por exemplo, que significa o exercício de uma vida messiânica, de uma existência cuidadora e criativa – como se anuncia ser a de tudo que é divinamente ungido. E mostra que existe uma diferença radical e exemplar entre o culto ou a religião e a mensagem de Jesus, que não veio fundar uma religião a mais, mas anunciar a possibilidade de se fazer da vida um milagre para a vida dos outros, pelo amor, a partir dos pobres e excluídos deste mundo – o que é uma atitude “mais-do-que-natural”. O Nazareno não nos pede culto e sim memória. Ele encarna, assim, a revelação divina em toda profundidade – embora não o seja em toda a extensão, sempre pluralista, do tempo-espaço.

O livro de Maruilson faz pensar que já (?!) ultrapassamos o lema “fora da Igreja não há salvação” e passamos pelo “só Cristo salva”, para amadurecer uma proposição inclusiva que traga paz para todo mundo: o gesto amoroso, que encarne historicamente justiça e gentileza, que exercite o descentramento de si e a comoção com o desejo do outro, traz sempre saúde, salvação – é espiritual e transcendente, mesmo que seja o cuidado com uma florzinha. Toda “Carne” se vincula e toda matéria esconde o Espírito. Os povos e a terra inteira estamos ligados pela mesma origem em um quase-nada-caótico, de sorte que juntos é que devemos encarar nossa comum missão de salvar a vida, de espiritualizar o mundo, torná-lo mais consciente do – e consequente com o – Espírito, o mistério do processo cósmico, entre a gente, sempre.

Inconcebível, pois, que um só povo ou religião ou igreja, um só sexo ou “raça” ou classe sejam a luz do mundo. Todos somos luz e treva, em comunitária e mística evolução, pelo carinho e pela misericórdia que religam, em outros níveis, mesmo os aparentemente contrários. Os tempos nos enviam sinais que exigem abertura para novos horizontes, nos quais havemos de erguer altares de respeito e veneração. Pois onde menos se esperava, temos agora a possibilidade de encontrar a dimensão do absoluto – no próprio âmago da relatividade, uma pluralidade de absolutos!

Porque hoje se pode considerar a complexidade da realidade e da verdade, exorcizando o princípio soberano da identidade, acolhendo o paradoxo para além do princípio de não-contradição e, sobretudo, servindo o outro e incluindo terna e ternariamente o diferente, em outros níveis de vida. Estamos às voltas com uma nova configuração da dimensão religiosa da vida, em meio a uma formatação nova da compreensão de ciência e de conhecimento, que apontam para uma lógica de complexidade, transdisciplinar – e trans-religiosa. Espero que você também aceite o desafio de seguir, com o mapa deste livro, pelos muitos caminhos do divino.

Gilbraz Aragão.

1. Parábola hassídica, citada por DUCROT, B. Sobre a reconciliação em Angola. Revista OMNIS TERRA, nº 116, ano XIII, jan. 2007, p. 26. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mais informações sobre a coleção na internet: [http://tiempoaxial.org/PelosMuitosCaminhos](http://tiempoaxial.org/PelosMuitosCaminhos/). [↑](#footnote-ref-2)
3. TENÓRIO, W. Escritores, gatos e teologia. Cotia: Ateliê Editorial, 2014, p. 36s. [↑](#footnote-ref-3)